

## Da Quarto Al Volturmo: Noterelle D'uno Dei Mille

Mario Santin Frugiuele<sup>1</sup>

### Resumo

O presente estudo tem como objetivo central a análise crítica de algumas das características da obra *Da Quarto al Volturmo: Noterelle d'Uno dei Mille*, de Giuseppe Cesare Abba, a fim de embasar futuras pesquisas relacionadas ao tema. Composto em forma de diário, o livro relata os acontecimentos e batalhas vivenciadas por Abba durante a *Spedizione dei Mille*, ou Expedição dos Mil, que culminaria na fundação do reino italiano em 1861. Como aporte teórico, utilizamos, precipuamente, as análises de De Nicola (2010) e Villa (1990), que nos auxiliaram a melhor compreender a obra mais importante do escritor italiano.

**Palavras-chave:** Giuseppe Cesare Abba; Expedição dos Mil; Giuseppe Garibaldi.

### Introdução

*Quem construiu a Tebas de sete portas?  
Nos livros estão nomes de reis.  
Arrastaram eles os blocos de pedra?*

Bertolt Brecht

Em 1860, Giuseppe Garibaldi reuniu cerca de mil voluntários em duas embarcações e, partindo do norte italiano, conquistou territórios borbônicos na famosa campanha conhecida como a Expedição dos Mil, ou *Spedizione dei Mille*, que culminaria na unificação e formação do Reino da Itália. Elaborados majoritariamente por ex-voluntários, os textos a respeito da expedição revelam o mundo fascinante dos garibaldinos, únicos

---

<sup>1</sup> Bacharel em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e graduando em Letras, com ênfase em Língua Portuguesa e Língua Italiana, pela Universidade de São Paulo. Em 2011, foi aluno intercambista na *Facoltà degli Studi di Genova*, tendo frequentado cursos de especialização em *Storia della Lingua Italiana*, *Letteratura Italiana Contemporanea* e *Filosofia del Linguaggio*. E-mail: mariosfru@gmail.com

intérpretes e testemunhas possíveis dos acontecimentos. Dentre estes escritos, destaca-se a obra de Giuseppe Cesare Abba, *Da Quarto al Volturno: Noterelle d'Uno dei Mille*, lançada primeiramente em 1880, cerca de vinte anos depois de terminada a campanha, e que relata, em forma de diário, os acontecimentos e batalhas que possibilitaram a fundação do reino italiano<sup>2</sup>.

O distanciamento existente entre Garibaldi e sua tropa fica pouco evidente nas obras que tratam exclusivamente do mítico general, que buscam engrandecê-lo e esquecem-se dos milhares que também mudaram a história, lutando ao seu lado. Talvez seja essa uma das contribuições mais importantes dos voluntários-escritores e, certamente, de Abba, que prioriza a visão dos *camicie rosse*<sup>3</sup>, as dificuldades enfrentadas pelos combatentes, as reações às notícias descontraídas que inspiram temor e desconfiança, e o relacionamento interno do corpo de voluntários. Garibaldi pouco aparece, é retratado somente quando passa a cavalo, imponente, ou quando profere algum discurso para incentivar seus comandados, em breves relatos e ocasiões que, de qualquer maneira, revelam a reverência prestada ao general.

A expedição tem início na praia de Quarto, de onde os garibaldinos, em dois navios a vapor (Lombardo e Piemonte, nomes de regiões livres), despreparados (são voluntários e não um exército regular) e em número diminuto, partem para o sul em uma missão desacreditada. A maior parte deles é jovem, “homens que tentam a aventura [...], estudantes, intelectuais – advogados, jornalistas –, patriotas” que já combateram junto a Garibaldi; até mesmo uma mulher e um garoto os acompanham (GALLO, 1996, p. 224). Abba é ainda um jovem patriota de apenas 21 anos, que abandonara os estudos para participar da Segunda Guerra de Independência e depois unir-se às tropas garibaldinas, em 1860. Somente anos mais tarde, com base em um diário/caderno de notas elaborado durante a *Spedizione dei Mille*, publicará seu mais ilustre trabalho.

O presente estudo tem por objetivo, enfim, analisar algumas das características principais da obra composta por Abba a respeito dos *Mille*, de modo a embasar futuras pesquisas relacionadas ao tema. Com enfoque introdutório no responsável direto pela

---

<sup>2</sup> Além de G. C. Abba, vale acrescentar alguns outros importantes garibaldinos que reportaram os eventos da expedição: Eugenio Checchi (*Memorie ala casalinga di un garibaldino* – 1866), Achille Bizzoni (*Impressioni d'un volontario all'esercito dei Vosgi* – 1872), Alberto Mario (*La camicia rossa* – 1880), Giuseppe Bandi (*I Mille: da Genova a Capua* – 1887), Anton Giulio Barrili (*Con Garibaldi alle porte di Roma* – 1890) e Augusto Mombello (*Mentana: ricordi di un volontario* – 1932).

<sup>3</sup> Os voluntários garibaldinos eram também conhecidos como *camicie rosse*, por trajarem “camisas vermelhas” – assim como Garibaldi –, e não as vestimentas tradicionais dos exércitos regulares.

expedição, Giuseppe Garibaldi, este trabalho buscará resgatar, ainda, dados biográficos a respeito de Giuseppe Cesare Abba, permitindo a compreensão de aspectos históricos imprescindíveis para a adequada análise e interpretação das *Noterelle*<sup>4</sup>. Para tanto, apoiaremos-nos basicamente nas observações realizadas por De Nicola<sup>5</sup> (DE NICOLA, 2010, e CAPRILE; DE NICOLA, 2010) e Villa (1990), a respeito de Abba e sua obra, e em Gallo (1996) e Dumas (2010), a respeito de Garibaldi. Finalmente, utilizaremos os trabalhos de Bonavita (2005); Casadei e Santagata (2007); e Brioschi e Di Girolamo (2002) com relação ao momento sócio-histórico dos acontecimentos.

### **O mito: Giuseppe Garibaldi**

O mito em torno de Giuseppe Garibaldi<sup>6</sup>, personagem que dedicou sua vida à luta contra a tirania, não se limita a uma pátria, nem mesmo a somente um continente. Suas andanças e navegações lhe renderam a alcunha de “herói dos dois mundos”, tendo papel crucial na unificação italiana e em revoltas sul-americanas, unindo povos antípodas sob uma mesma bandeira de liberdade. São diversas as obras que retratam as aventuras e atos de Garibaldi, cuja imagem peculiar infundia certo fascínio nas mais diversas camadas sociais, destacando-se escritos de autores como Alexandre Dumas e Victor Hugo, seus contemporâneos. Tais obras auxiliavam a propagação do mito em uma época em que a informação era escassa e, muitas vezes, deturpada, com muitos fatos e narrativas exageradas sendo tomadas como verdade legítima.

No entanto, os livros não foram os maiores responsáveis pela afirmação da lenda, ainda mais em uma Itália com apenas um quarto de letrados (segundo o censo de 1861), mas sim os retratos, quadros, estátuas e reproduções artísticas que, cada vez mais numerosos desde as expedições na América do Sul, difundiram sua iconografia: ora nas tradicionais vestes de audaz general com camisa vermelha ou poncho, ora naquelas de marinheiro, com a face resoluta observando o mar (DE NICOLA, 2010, p. 7). A pátria, ainda não unificada, glorificava os feitos deste personagem que pouco conhecia, a não ser

---

<sup>4</sup> Seguindo a tradição italiana, optaremos pela redução *Noterelle* ao fazer referência à obra de Abba.

<sup>5</sup> No primeiro semestre de 2011, pudemos cursar a disciplina *Letteratura Italiana Contemporanea*, ministrada pelo professor De Nicola na *Università degli Studi di Genova*, e, por ocasião do aniversário de 150 anos da fundação do reino italiano, analisamos em classe a obra ora investigada.

<sup>6</sup> Este capítulo foi também elaborado com base nas seguintes obras: COLLOR (1977), MILANI (1982) e PANACCIONE (2009).

através de desenhos e notícias que circulavam em meio à população, comunicando as batalhas vencidas pela Legião Italiana, por ele liderada em seu exílio no inóspito continente sul-americano.

Este primeiro exílio foi-lhe imposto após sua participação na fracassada insurreição genovesa ao lado de Giuseppe Mazzini<sup>7</sup>, em 1834, quando é condenado à morte pela justiça real de Turim e refugia-se na França. Ali, a repressão do governo francês de Luís Felipe aumenta progressivamente, perseguindo os opositores do regime monárquico, sejam eles franceses ou não, e implicando um novo plano de fuga que culminaria no embarque com destino ao Rio de Janeiro em setembro de 1835. Inicia-se, assim, sua longa estadia na América, onde conhece a dor da tortura e de ferimentos à bala, mas também o afeto de sua mulher Ana Maria de Jesus Ribeiro: Anita Garibaldi.

Em 1848, ao retornar à Europa para a Primeira Guerra de Independência Italiana, o mito garibaldino já está consolidado. As batalhas, as proezas realizadas em solo americano ressoavam por toda a península, sempre acompanhadas por um brilho heroico que logo encontrou acolhimento no seio popular, carente de protagonistas. Garibaldi retornava como um personagem quase sacralizado e capaz de unir as massas, tamanha a estima que recebia das classes menos favorecidas. Nesta primeira guerra, contudo, a almejada independência ainda não é obtida.

Se do outro lado do mundo havia lutado pelas repúblicas Rio-Grandense, junto a Bento Gonçalves e Uruguaia, anos mais tarde, depois de passar por um novo exílio (após este fracasso de 1848) e já sem contar com sua companheira Anita, morta em 1849, Garibaldi juraria fidelidade a uma monarquia, vislumbrando tal aliança como a única saída para a unificação da pátria italiana. Com efeito, Camilo Benso, conde de Cavour e chefe do governo piemontês, criara as condições políticas necessárias, por meio de acordos com a França, para promover a unidade. Em 1859, o auxílio francês às tropas italianas contra o exército dos invasores austríacos fora trocado pela cessão de Savóia e Nice, territórios então pertencentes ao Reino do Piemonte-Sardenha. Uma vez arquitetada a conjuntura ideal, a Segunda Guerra de Independência Italiana inicia e alcança relativo sucesso, como a anexação parcial da porção norte dominada pelo Império Austríaco, além dos estados da Itália central – um armistício, porém, impediu a conquista de outros territórios setentrionais ocupados.

---

<sup>7</sup> O genovês Mazzini foi o responsável por fundar a *Giovine Italia* (Jovem Itália), organização cujo objetivo era transformar o reino italiano em uma república democrática unitária (GALLO, 1996).

Garibaldi, nascido em Nice, sentira-se traído com a entrega de sua cidade natal, ainda que feita após consulta (por meio de plebiscito) aos cidadãos locais (GALLO, 1996). Unira-se ao Reino do Piemonte-Sardenha, de Vitor Emanuel II e representado por Cavour, objetivando a tão almejada unificação, que dependia de um agente estatal suficientemente poderoso e capaz de empreende-la; as determinantes batalhas combatidas pelos seus comandados, os Caçadores dos Alpes, auxiliaram os planos do Reino, mas em resposta o general obtivera a desagradável cessão de Nice.

Com a oportuna sublevação de Palermo, na Sicília, em abril do ano seguinte, Garibaldi deixa seu desapontamento em segundo plano e segue para conquistar o sul, sob a chancela (silenciosa) do rei Vítor Emanuel II, mas contrariando Cavour. Esta expedição, responsável por anexar parcela considerável do atual território italiano, culminou na proclamação do Reino da Itália, em março de 1861. Tendo iniciado com apenas 1170 voluntários, a campanha tornou-se conhecida como *Spedizione dei Mille*: em meio a estes garibaldinos, *camicie rosse*, encontrava-se Giuseppe Cesare Abba.

Ainda que os livros – assim como as notícias jornalísticas – não tenham sido os maiores responsáveis pela aclamação de Garibaldi, é por meio deles que se pode conhecer, de maneira mais aprofundada, o histórico personagem. O próprio Garibaldi publicara seus escritos autorais, tendo escrito também romances (*Clelia ovvero il governo del monaco*, *Cantoni il volontario* e *I Mille*) e suas memórias, fontes essenciais para o entendimento de sua personalidade. Além delas, outras tantas obras foram escritas sobre o general e suas aventuras nos “dois mundos”: De Amicis, Giosue Carducci, Gabriele D’Annunzio, Ippolito Nievo, Giovanni Pascoli, bem como Dumas e Victor Hugo, já mencionados, dedicaram citações, excertos, versos ou livros ao general. Poucos deles, no entanto, dedicaram suas páginas às aflições e sentimentos experimentados sob a ótica do corpo de voluntários, tarefa empreendida por Abba, o mais notório memorialista garibaldino (BRISOCHI; DI GIROLAMO, 2002).

### **O escritor: Giuseppe Cesare Abba (1838 – 1910)**

Nascido em Cairo Montenotte, um pequeno vilarejo ligure situado entre Nice – onde nascera Garibaldi – e Gênova – onde nascera a expedição –, Abba logo rumou para Carcare, povoado vizinho, a fim de concluir seus estudos ginasiais. Frequentou, ali, o

colégio dos Escolápios (ou Piaristas), saindo-se como o melhor aluno de seu curso e aproveitando os ensinamentos de seus mestres, que, ao culto do classicismo, incorporavam o apreço à liberdade, sendo favoráveis, portanto, à causa ressurgimental. Dentre os professores, destaca-se sua relação com Atanasio Canata<sup>8</sup>, que teve um papel decisivo na formação do jovem Abba, incutindo-lhe os primeiros sentimentos patrióticos.

Com dezesseis anos de idade muda-se para Gênova, cidade portuária e de extrema importância para a região, e inicia seus estudos na Academia de Belas Artes, abandonando-a depois de cinco anos para se alistar no exército de Savóia, em 1859, com o objetivo de lutar pela independência italiana. Seu regimento, no entanto, permanece inativo durante todo o ano, o que o faz resignar, desiludido por não poder auxiliar o pleito patriota. De qualquer modo, alguns meses mais tarde, no começo de maio de 1860, procura a sexta companhia de voluntários garibaldinos sob o comando de Giacinto Carini, em Quarto, para se alistar e aderir à *Spedizione dei Mille*.

Sua participação ativa nos famosos combates de Calatafimi e Palermo garante-lhe o grau de subtenente após a batalha de Volturno, travada entre o fim de setembro e o começo de outubro. Alguns dias depois (15 de outubro), Garibaldi, que havia se proclamado o ditador das Duas Sicílias, entrega a ditadura ao rei Vítor Emanuel II no dia 26 de outubro e sela a unificação. Este encontro entre os dois personagens (no episódio conhecido como o “Encontro de Teano”) marca o fim da expedição dos mil, contrariando muitos dos garibaldinos desejosos de continuar e partir para a conquista de Roma – desejo que é negado pelo rei, a quem o general jurara fidelidade. Abba, que no dia 6 completara apenas 22 anos de idade, rememora a decepção dos comandados: “*Generale, perché non ci conducete tutti a morire? La via di Roma è là, seminatela delle nostre ossa!*”<sup>9</sup> (ABBA, 2010, p. 162)

A experiência militar junto aos garibaldinos marcou profundamente o jovem Abba, que em 1864, após assumir um batalhão da Guarda Nacional, pede transferência à cidade de Pisa e passa a frequentar o ambiente universitário, familiarizando-se com artistas e escritores. Em 1866, contudo, deixa essa atmosfera para combater uma outra vez ao lado de Garibaldi, na Terceira Guerra de Independência, que resultou na conquista – intermediada pela França – do Vêneto, apesar da derrota italiana para o exército austríaco.

---

<sup>8</sup> Poeta e dramaturgo, que teria colaborado com Mameli na elaboração do hino italiano, *Fratelli d'Italia* (PIASTRA, 1992).

<sup>9</sup> *General, por que não nos conduzis todos à morte? O caminho para Roma é aquele, semeai-o com os nossos ossos!* (tradução nossa)

No mesmo ano retorna à sua cidade natal, Cairo Montenotte, onde vive até 1880. Durante este período, segue o caminho de muitos dos protagonistas das batalhas ressurgimentais, os quais assumem cargos no governo para conduzir a refundação civil do país (BONAVITA, 2005), e é eleito até mesmo prefeito, participando ativamente da vida política local, mas já alheio e isolado do mundo artístico que deixara em Pisa. De todo modo, Abba, que já havia composto duas obras relacionadas às experiências junto aos garibaldinos (o canto *In morte di Francesco Nullo* – 1863, e o poema *Arrigo: Da Quarto al Volturno* – 1866), na tranquilidade de seu vilarejo volta a escrever, dedicando-se à elaboração de um romance histórico intitulado *Le rive dela Bormida nel 1794*, publicado em 1871. Ainda antes deste romance, bem avaliado por figuras respeitáveis como Luigi Settembrini, Abba havia planejado dar forma literária ao seu diário dos tempos de voluntário, em especial àquele da época da expedição. A vida ociosa e pouco estimulante de Cairo Montenotte, no entanto, faz com que ele deixe de lado tais pretensões, dedicando-se apenas ao mencionado romance histórico, que não faz sequer menção ao universo garibaldino. Não fosse pelo constante incentivo do escritor Mario Pratesi, de quem tornara-se amigo em Pisa, é provável que seu mais importante trabalho não viesse a público.

Pratesi mantém viva a chama literária dentro de Abba, escrevendo-lhe elogiosos comentários que são bem recebidos, mas não inteiramente acreditados. Com efeito, Abba sempre fora um homem comedido e conhecido por sua modéstia, qualidade reverenciada pelo grande poeta Giosuè Carducci (1942), que em 1873 assim escrevera a seu respeito:

Vedere animi e ingegni tali accontentarsi del santo oblio e dell'inerzia come di rifugio, mentre tutti i mediocri e gli inetti e i vigliacchi si arrabattano gridando: "Noi abbiamo fatto, noi facciamo, noi faremo l'Italia", è cosa che fa venire i brividi sull'infamia della generazione che ora predomina.<sup>10</sup>

Se Pratesi conseguiu dar novo fôlego a Abba, impedindo-o que abandonasse seus projetos, foi mesmo Carducci quem o introduziu de vez no meio literário: aproximou o escritor da Zanichelli, editora em que publicaria sua maior obra, datada de junho de 1880. O contato com o poeta italiano foi fundamental não apenas na elaboração/publicação das *Noterelle*, mas também para a vida de Abba, que assumiu o cargo de professor de italiano

---

<sup>10</sup> Ver tamanhos espíritos e mentes contentarem-se com o santo esquecimento e a inércia, neles se refugiando, enquanto todos os médiocres, os incapazes e os covardes empenham-se gritando: "Nós fizemos, nós fazemos, nós faremos a Itália", é algo que produz arrepios, graças à infâmia dessa geração que ora predomina." (tradução nossa).

em Faenza (Romagna) e depois em Brescia, graças às solicitações feitas por Carducci ao ministro da instrução pública. Cabe ressaltar a importância da função atribuída ao escritor lígure, posto que os anos pós-ressurgimento garantem aos magistrados um reconhecimento social e uma autoridade sem precedentes. Como depositários do antigo patrimônio cultural italiano, tornam-se “sacerdotes laicos”, missionários da religião patriótica, e desenvolvem um papel central no culto à nação (BONAVITA, 2005).

Ainda em Brescia, Abba avança consideravelmente em sua carreira e torna-se reitor do instituto técnico onde lecionava. Pouco depois de ser nomeado Senador do Rei, vem a falecer, em novembro de 1910.

### **A** obra: *Da quarto al Volturmo. Noterelle d'Uno dei Mille*

Publicada primeiramente em 1880 com o título *Noterelle d'Uno dei Mille*<sup>11</sup>, a obra logo passou por uma modificação e ampliação em 1882, recebendo novo nome: *Da Quarto al Faro: Noterelle d'Uno dei Mille edite dopo vent'anni*. A primeira edição limitava-se aos episódios sucedidos entre 3 de maio e 21 de junho de 1860; já a segunda se estendia até o dia 20 de agosto. O formato definitivo veio quase uma década depois, em 1891, quando é lançada a última edição contemplando os acontecimentos até o dia 9 de novembro, intitulada *Da Quarto al Volturmo: Noterelle d'Uno dei Mille*, que retomava o subtítulo do poema *Arrigo*, dedicado à expedição dos mil.

No caderno de anotações que portara junto a si e que servira de base para a narrativa, Abba reporta os fatos de maneira esquemática, sem nenhuma preocupação estilística. É, com efeito, um diário de viagem de uso pessoal, “uma sucessão de breves notas não relacionadas que retratam em uma frase sintética e, muitas vezes, quase frenética, uma visão do momento e o lampejar de um sentimento ou reflexão”<sup>12</sup> (BANDINI, 1933, p. 66, tradução nossa). Em comparação a este “bloco de notas”, as edições publicadas demonstram um imenso cuidado por parte do escritor, que amplia os episódios ali relatados, “atando os nós” necessários e passando o gélido tom documental para o narrativo e até mesmo dramático. Em determinados momentos, recorre aos diálogos,

---

<sup>11</sup> Seguindo as *Noterelle veneziane* de Mario Pratesi, como um ato de homenagem e gratidão ao único amigo que havia continuado a encorajá-lo.

<sup>12</sup> [...] *una successione di rapide note slegate che fermano in una frase sintetica e, spesso, quasi convulsa, una visione del momento e il balenare di un sentimento o di una riflessione.*



presentes em partes importantes da obra e que auxiliam na interpretação do caráter de diversos personagens, além de destacar o pensamento do escritor. É interessante trazer um trecho da análise de De Nicola (2010, p. 17) a respeito deste trabalho criativo, feita a partir da seguinte anotação de Abba em seu caderno de notas: “*In alto mare un caduto è salvato dai nostri il giorno 6*”<sup>13</sup> (ABBA, 1993, p. 19). Posteriormente, no volume publicado, o fragmento ganhará novo fôlego e um trato bastante diverso:

Che? Un uomo in mare? Fu un quarto d’ora d’angoscia. “Indietro alla macchina!” urlava il capitano e il legno si fermò sbuffando. Ma l’uomo caduto in mare era già lontano; appariva, spariva e lottava. Fu presto calata una lancia: lo spingemmo cogli occhi, coi gesti, coll’anima tutti. Il caduto fu raggiunto, agguantato, salvato. Dicono che sia un genovese<sup>14</sup> (ABBA, 2010, p. 39)

Fica evidente que a reelaboração do livro procurava, de certo modo, enriquecer os acontecimentos, procedimento que dificulta a separação entre o real e o fictício – não se pode medir precisamente o que de fato aconteceu daquilo criado pelo autor. O teor literário e erudito sobrepõe-se às breves e resumidas notas do diário; como observado por Croce (1974, p. 14, tradução nossa), Abba “nunca toma posição entre os combatentes e nos deixa sem saber até mesmo aquilo que ele pessoalmente fez, colocando-se, em seu livro, todo o tempo como literato”.<sup>15</sup> Segundo Brioschi e Di Girolamo (2002, p. 740), esse é um procedimento comum aos memorialistas garibaldinos que, ao escreverem com certa distância cronológica dos acontecimentos, atenuavam a comoção política para se concentrar no desenvolvimento literário. De todo modo, para melhor compreender as intenções do autor, é preciso refletir sobre aquilo que o levou a transformar em livro, quase vinte anos depois da expedição, as notas concisas de seu diário, em um trabalho de composição que tomou longos anos de sua vida.

Conforme mencionado anteriormente, não fosse pelos estímulos de Mario Pratesi, Abba provavelmente teria abandonado a iniciativa por “falta de fôlego” (DE NICOLA, 2010, p. 14). É o mesmo Pratesi que, ao ter contato com as breves notas do diário, incentiva-o a transformá-las em apontamentos mais extensos, tornando-se posteriormente o

---

<sup>13</sup> *No dia 6, um homem que havia caído em alto-mar foi salvo pelos nossos.* (tradução nossa)

<sup>14</sup> *O quê? Um homem ao mar? Foram 15 minutos de angústia. “Parem as máquinas!”, berrava o capitão, e a embarcação se deteve esfumando. Mas o homem que fora ao mar já estava longe; aparecia, desaparecia e lutava. Logo baixou-se uma lança: empurramo-lo com os olhos, com os gestos, todos com a alma. O homem foi alcançado, agarrado, salvo. Dizem que se trata de um genovês.* (tradução nossa)

<sup>15</sup> [...] *non si mette mai in vista tra i combattenti, e ci lascia ignorare affatto quel ch’egli personalmente fece, si mette di continuo in vista nel suo libro come letterato.*

revisor da primeira versão das *Noterelle* (1880). Até então relutante, em 1877 Abba envia algumas de suas páginas a Giosuè Carducci, por solicitação do próprio poeta: Carducci tencionava escrever uma biografia sobre Garibaldi, e pede a seu amigo Francesco Scavo que contate Abba a fim de conseguir seus apontamentos. Ex-oficial garibaldino, Scavo conhecia bem o escritor e, inclusive, levava alguns de seus escritos ao mesmo Carducci, em 1871.

Com sua particular humildade, Abba pergunta se Carducci deseja mais de suas “mal traçadas linhas”, recebendo uma resposta em que o poeta exprime sua gratidão, estimulando-o: “*Vi ringrazio dei ricordi che mi mandate. Mi sono preziosissimi; sono quali appunto io li desideravo.*” (Carducci, 1947, p. 87)<sup>16</sup> Este incentivo é o último impulso que carecia Abba e, já em 1879, organiza escritos sobre a *Spedizione dei Mille* com base em seu diário. No ano seguinte, envia novas páginas a Carducci (a quem dedica a obra) com o intuito de aproveitar sua influência e conseguir publicar pela Zanichelli, o que efetivamente ocorre: 500 exemplares são impressos e Abba recebe 50 deles como pagamento.

São estas, portanto, as razões formais que o influenciaram e o incentivaram a concluir o projeto iniciado em obras anteriores (como *Arrigo*), rememorando a expedição e a luta pela unificação italiana. Existem, por sua vez, outros motivos encobertos, que precisam ser melhor explorados.

## A bandeira *tricolore*

Ainda que Giuseppe Cesare Abba tenha realizado mudanças consideráveis ao transpor os escritos de seu caderno de notas para o texto final das *Noterelle*, a estrutura geral foi essencialmente conservada, com datas e lugares precisos de início (Parma, 3 de maio, Noite) e de conclusão (Caserta, 9 de novembro, Tarde): manteve-se a forma diarística. A narração avança, então, conforme os deslocamentos diários do autor, desde a partida por terra em Parma e depois por mar em Gênova, passando pela chegada à ilha da Sicília, onde conhece os lugares mais ermos (e miseráveis) do sul da Itália, até as peregrinações por Nápoles e arredores. A viagem se estende por uma vasta porção do

---

<sup>16</sup> *Agradeço pelas memórias que me enviastes. São preciosíssimas para mim; precisamente o que eu desejava.* (tradução nossa)

território italiano, refletindo a luta pela unificação de uma pátria, de certo modo, heterogênea.

Nesse sentido, cabe destacar a leitura pormenorizada de De Nicola (2010), que não atribui à obra apenas uma única e restrita perspectiva, mas, assim como as cores da Itália unificada, três diversas e complementares visões. De acordo com o estudioso, o livro pode ser entendido como (i) um livro de viagem; (ii) um diário romanceado; ou, ainda, (iii) a descoberta, por parte de um italiano do norte, de uma ampla porção do seu novo e alargado país, por ele até então desconhecida.

No primeiro caso, o próprio título da obra sugere a viagem, com a indicação de um lugar de partida e um de chegada. A narrativa, estruturada nas andanças de um exército de voluntários, desenvolve-se à medida que algumas áreas são alcançadas, ou à medida que este exército realiza manobras militares, mas sempre enfatizando as consequências e experiências resultantes da viagem. De outro lado, é certo que a obra também pode ser lida como um romance em forma de diário relacionado à *Spedizione dei Mille*, com inúmeros personagens e pequenas histórias internas, que acabam prevalecendo sobre a figura pouco presente de Garibaldi. Embora contribua para a afirmação do mito, as *Noterelle* apresentam o general de modo apenas marginal (e talvez por isso o engrandecem ainda mais), enfocando, principalmente, os militantes garibaldinos. Por fim, é ainda possível interpretar a narrativa sob o ponto de vista da descoberta, quando um setentrional visita o longínquo sul do país e ali encontra seus compatriotas, agora tão italianos quanto ele. Nesse último caso, sustentando o viés político, moral ou idílico, encontra-se toda uma base patriótica que nos faz entrever as intenções de Abba – vale lembrar que o livro foi primeiramente publicado em 1880, cerca de 20 anos depois da expedição, momento em que a miséria e o abandono do sul consolidavam-se como problemas graves do reino da Itália.

Ao escrever sobre um mundo política e geograficamente distante, completamente desconhecido pelos italianos do norte, Abba procura, por meio dessa descoberta pessoal, inculcar o sentimento de pertencimento a um coletivo que, apesar de internamente diverso, coexiste sob as cores de uma única bandeira. Com efeito, Abba busca o reconhecimento (e a real integração) da Itália meridional, repleta de adversidades e ignorada pelo norte, relegada à própria sorte anos após sua incorporação. Logo no início do livro (e da expedição), o autor faz questão de pontuar que os voluntários – de médicos a operários –

vinham de “todas as partes” do país, certificando o caráter e o desejo nacional de *fare gli italiani*, não restringidos a uma única classe social ou a uma única região.

Próximo dos desdobramentos da expedição, em 1860, Abba não se preocupava em atribuir uma nuance patriótica às suas breves notas. Somente duas décadas mais tarde, passa a aprofundar este sentimento ao reelaborar seus apontamentos, ressaltando, sempre que possível, o fato de a Itália ter nascido de um desejo comum, da união em torno de um único ideal.

Os governos italianos pós 1861 (até 1876) advogavam todos à causa direitista, tendo realizado reformas austeras e adotado uma política econômica com o intuito de sanar dívidas, impondo, por conseguinte, duros sacrifícios e novos tributos aos cidadãos menos favorecidos (CAPRILE; DE NICOLA, 2010). O intento de Garibaldi e dos *camicie rosse* de ajudar as classes subalternas a saírem da penúria e da exploração, condições atribuídas à tirania dos regimes estrangeiros, não foi suficiente para provocar grandes mudanças: os camponeses e operários, após a unificação, continuavam em uma situação extremamente difícil.

Tendo em vista esta dura provação por que passava o povo italiano, Abba constata que os sacrifícios feitos por ele e seus companheiros voluntários, muitos dos quais morreram em combate por uma pátria livre e mais equânime, haviam sido de pouca utilidade. A nação que nascera da expedição não era aquela sonhada pelos garibaldinos. Assim, conforme sustenta De Nicola (2010, p. 28), Abba esperava que a narrativa sobre sua viagem pela miséria, pela ignorância e pelas seculares lesões impostas ao sul, não só pudesse auxiliar a reconhecer como irmãs as populações desde sempre abandonadas à própria sorte, mas também serviria para salientar novamente os ideais de harmonia e justiça social; principalmente a favor dos mais fracos, para quem Garibaldi e os Mil haviam lutado corajosamente por toda a Itália. Bonavita (2005, p. 89) também aponta para esse fundo crítico que matiza a escrita de Abba:

La liberazione del meridione è narrata al presente, in rapide e vivide pagine di diario, con una scrittura essenziale, vicina al parlato, per restituire il coinvolgimento emotivo e ideale di chi ha vissuto quell'avventura lontana e irripetibile, che ora suona come una critica della disincantata, borghese e prosastica Italia contemporanea.<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> A libertação do sul é narrada em tempo presente, em rápidas e vívidas páginas de diário, com uma escrita essencial, próxima à fala, para restituir o envolvimento emocional e ideológico de quem viveu aquela

As *Noterelle*, desse modo, concentram as intenções políticas, patrióticas e pedagógicas do escritor lígure que espera, por meio de sua obra, influenciar a opinião pública e educar as novas gerações em consonância com os ideais ressurgimentais (CASADEI; SANTAGATA, 2007, p. 389).

Não obstante Abba continuasse escrevendo ativamente sobre os eventos garibaldinos até o fim de sua vida, quanto mais tempo passa da expedição, mais aumenta seu ressentimento pela indiferença progressiva das autoridades em relação aos voluntários que haviam combatido junto ao General. Alia-se a este mal-estar pessoal um drama novamente coletivo, representado pelas necessidades dos italianos do sul.

Ao final da própria obra já se observa um homem intranquilo, que se pergunta sobre o futuro e receia o “vento de discórdia” que soprava sobre os italianos, temendo pelos anos seguintes à unificação: temor que, vinte anos depois, demonstrar-se-ia bastante fundado.

### Referências Bibliográficas

ABBA, G. C. *Maggio 1860: pagine di un “taccuino” inedito*. Milão: Mondadori, 1993.

ABBA, G. C. *Da Quarto al Voltorno: noterelle d’uno dei mille*. Editado por Francesco De Nicola. Sestri Levante: Gammarrò, 2010.

BANDINI, G. *Come naquero le “Noterelle” dell’Abba*. In: ABBA, G. C. *Maggio 1860: pagine di un “taccuino” inedito*. Milão: Mondadori, 1993.

BONAVITA, R. L’ottocento. In: BATTISTINI, A. *Storia della letteratura italiana*. Bolonha: Mulino, 2005.

BRIOSCHI, F.; DI GIROLAMO, C. *Manuale di letteratura italiana: storia per generi e problemi*. Vol. IV. *Dall’unità d’Italia alla fine del Novecento*. Turim: Bollati Boringhieri, 2002.

---

*aventura distante e irrepêvel, que agora [quando da publicação das Noterelle] soa como uma crítica à desencantada, burguesa e prosaica Itália contemporânea.* (tradução nossa)

CAPRILE, M. T.; DE NICOLA, F. ... *Italia Chiamò: 150 anni di storia italiana nelle pagine degli scrittori liguri*. Gênova: De Ferrari, 2010.

CARDUCCI, G. *Lettere, VIII*. Bolonha: Zanichelli, 1942.

CARDUCCI, G. *Lettere, XI*. Bolonha: Zanichelli, 1947.

CASADEI, A.; SANTAGATA, M. *Manuale di letteratura italiana medievale e moderna*. Roma-Bari: Gius. Laterza & Figli Spa, 2007.

COLLOR, L. *Garibaldi e a Guerra dos Farrapos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

CROCE, B. Letteratura garibaldina. In: *Letteratura della nuova italia, 6*. Bari: Laterza, 1974.

DE NICOLA, F. Da Quarto al Volturno: tra diario di guerra e racconto di viaggio alla scoperta di un'Italia sconosciuta. In: ABBA, G. C. *Da Quarto al Volturno: noterelle d'uno dei mille*. Editado por Francesco De Nicola. Sestri Levante: Gammarò, 2010.

DUMAS, A. *Memórias de Garibaldi*. Tradução de Antonio Caruccio-Caporale. Porto Alegre: L&PM, 2010.

GALLO, M. *Garibaldi: a força do destino*. Tradução: Maria Celeste Marcondes. São Paulo: Scritta, 1996.

MILANI, M. *Giuseppe Garibaldi: biografia critica*. Milão: Mursia, 1982

PANACCIONE, A. *Garibaldi, Gonçalves e Mitre: generali, rivoluzionari, uomini*. Roma: Centro Studi, 2009.

PIASTRA, W. *Dizionario biografici dei liguri: dalle origini ai 1990. Vol. 2*. Gênova: G. Brigati, 1992.

VILLA, E. Giuseppe Cesare Abba. In: *La letteratura ligure: l'ottocento*. Gênova: Costa & Nolan, 1990.